

Bicha, me respeita! O infotimento como aliado para as discussões de gênero e sexualidade na TV¹

Maisa Regina BILENKI²

Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, Joinville, SC

RESUMO

Este artigo busca trazer uma reflexão sobre o papel do jornalismo frente às demandas das questões de gênero e sexualidade do Brasil contemporâneo. As mulheres, bichas e travestis nunca tiveram espaço na comunicação. O jornalismo as ignora e o entretenimento tira sarro delas. Mas, recentemente, os programas conhecidos como de infotimento têm tido uma abordagem mais acertada para tratar estas questões. Neste artigo, são levantados os exemplos dos programas *Amor & Sexo* e do *Encontro com Fátima Bernardes* como referências de tratamento à temáticas feministas e LGBTQIs.

PALAVRAS-CHAVE: infotimento; sexualidade; gênero; entretenimento; televisão; feminismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo partiu de uma inquietação levantada no meu Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação em Comunicação Social – Jornalismo. O objetivo do trabalho era compreender como as pautas relacionadas a gênero e sexualidade passaram a fazer parte do programa *Amor & Sexo*, da Rede Globo, utilizando especialmente a teoria do contra-agendamento da mídia de Luiz Martins Silva (2007)³. Entretanto, uma questão ainda mais importante passou a ser motivo de reflexão: como e porque o entretenimento televisivo tem dado mais espaço para as discussões de gênero e sexualidade que os programas jornalísticos da TV aberta.

O *Amor & Sexo*, assim como o *Encontro com Fátima Bernardes*, programas escolhidos para exemplificar este artigo, estão na grade de entretenimento da Rede Globo. A dinâmica dos dois programas é bastante diferente, como exploro a seguir, mas ambos não são programas ficcionais, nem humorísticos – com exceção de alguns quadros. São programas comprometidos com informações de qualidade e com uma relação com o

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Jornalista, graduada pela Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc. - E-mail: bilenkiregina@gmail.com

³ Um artigo apresentado no Intercom Sul de 2017 com uma análise preliminar da temática está disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0895-1.pdf>

campo social. O que os difere do jornalismo tradicional é a forma de abordagem das temáticas, de forma mais leve, mesmo quando factual; e de forma descontraída, mesmo quando o assunto é sério.

Não cabe aqui fazer um juízo de valor sobre os formatos do jornalismo, nem do entretenimento, afinal, a defesa é a de que eles são complementares. O que busca este artigo é: 1) demonstrar a falta de preparo do jornalismo para tratar questões de gênero e sexualidade; 2) levantar hipóteses do porquê de o entretenimento ter mais liberdade para falar sobre estes temas que o jornalismo finge não ver.

O termo “infotimento”, usado por teóricos da comunicação desde a década de 80, será apropriado neste artigo para falar sobre o potencial do entretenimento, mais que sobre as mudanças no jornalismo – motivação para a criação do termo. Talvez pudesse ser criado um novo neologismo como “entretelismo”, para unificar entretenimento e jornalismo, dando mais atenção ao primeiro, que é de onde saem os bons exemplos. Em todo caso, o infotimento serve como parâmetro para pensar as questões deste trabalho.

GÊNERO E SEXUALIDADE NA TV ABERTA

Durante toda a história da mídia no Brasil, não foram muitas as produções que trataram com naturalidade as questões da sexualidade humana, especialmente feminina, nem mesmo as questões de gênero. A imprensa foi construída por e para homens e por muito tempo foi responsável por evidenciar valores e validar práticas sociais excludentes.

Durante muito tempo só couberam às mulheres temas como moda, beleza, culinária, decoração, comportamento, a vida das celebridades, um conto, um romance... O jornalismo informativo não era para elas, dificultando assim a relação mulher-mundo. Conforme Buitoni (2009), “tenta-se criar um mundo da mulher para que ela fique só dentro dele e não saia”.

Nas mídias impressas era assim e na televisão não foi diferente, temáticas relacionadas aos direitos das mulheres só começaram a ser tratadas no ano 1979, pela Rede Globo, quando estreou o seriado *Malu Mulher*. Na trama, Malu é uma pesquisadora que se envolve em diversas situações difíceis, que acabam mostrando-a como uma mulher empoderada. A série fala sobre separação – dois anos após a lei do divórcio⁴ ter sido

⁴ Lei Nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977, disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6515.htm

aprovada no Brasil –, sobre o prazer sexual feminino e sobre aborto clandestino. Tudo isso nos primeiros episódios.

Malu Mulher é considerado um marco porque retrata a condição da mulher no início da década de 80. Os episódios foram, posteriormente, transmitidos em diversos países. Em 1982, foi considerado o melhor programa de televisão do ano em Portugal e na Grécia.

Fora da ficção, mas ainda no entretenimento, o primeiro programa a tratar da mulher como protagonista foi o *TV Mulher*, que esteve no ar na mesma emissora de abril de 1980 a junho de 1986. O programa tratava de assuntos como direitos da mulher, moda, economia doméstica e culinária.

Foi também na década de 80 que a mídia começou a falar mais abertamente sobre sexualidade. O motivo foi o “boom” da AIDS, descoberta nos EUA e alardeada por todo o globo. Em 27 de março de 1983 o *Fantástico* transmitiu uma reportagem que apresenta a doença aos brasileiros. Com uma edição que dá a impressão de ser um filme de terror, a reportagem indica erroneamente a relação sexual entre homens homossexuais como principal forma de contágio do que eles chamam de “epidemia mais violenta do século”.

Desde 2007 o programa *Altas Horas* também promove uma breve discussão, a cada sábado, sobre sexualidade com a plateia, convidados e a sexóloga Laura Muller. Em 2009 surge o *Amor & Sexo* e em 2012 o *Encontro com Fátima Bernardes*, ainda não tão comprometidos as questões de gênero e sexualidade.

Percurso do *Amor & Sexo*

A primeira temporada do *Amor & Sexo* foi exibida entre 28 de agosto e 6 de novembro de 2009, às sextas-feiras, logo após o *Globo Repórter*. O programa soma, até agora, 10 temporadas.

Desde a primeira edição, o programa sempre teve um “q” de experimental - ele não é fixo na grade de programação da rede e cada temporada tem um número diferente de episódios e de tempo no ar. Além disso, sempre que uma edição chega ao fim, existe uma despedida sem data de retorno. Em 2010, por exemplo, ele não foi ao ar. Mas voltou em 2011, quando foram produzidas três temporadas.

As temáticas gerais do programa, como bem sinaliza o nome, são o sexo, o amor, as relações e os fetiches. Nas primeiras temporadas a sexualidade foi tratada sob um prisma bastante restrito: da monogamia, dos desafios para manter os relacionamentos, das

práticas de sedução entre casais e dos métodos de conquista. Textos e contextos que poderiam muito bem ter sido encontrados em páginas de algumas das revistas femininas produzidas no Brasil do final do século passado.

[...] Podemos concluir que a representação da sexualidade no programa *Amor & Sexo* é construída a partir da diferença essencial entre os sexos masculino e feminino. O programa se baseia em generalizações sobre essas diferenças essenciais e propõe uma discussão que tem como base a relativização dessas generalizações, mas que, mesmo assim, reiteram características que seriam próprias desse binarismo. O programa reproduz um discurso hegemônico acerca da sexualidade, e nesse processo negocia com alguns discursos alternativos no intuito de manter-se hegemônico. (BARROS et al, 2011, p.18)

A citação acima se refere à primeira temporada do programa, exibida em 2009. Nos anos que seguiram, o *Amor & Sexo* passou por grandes mudanças, até chegar ao modelo que se apresentou no último ano, 2017, assumindo uma postura mais crítica, levando mais informação e até alguns elementos do jornalismo.

Por exemplo, cada programa da 10ª temporada recebe especialistas para falar sobre os temas propostos. Entre eles estão psicanalistas, antropólogos, escritores, advogados, educadores etc. Eles tomam a fala em momentos específicos do programa, para explicar questões colocadas pela apresentadora com base em seus estudos ou vivência pessoal.

O *Amor & Sexo* é hoje, semioticamente, muito parecido com o antigo *Cassino do Chacrinha*. São muitas cores, muitos convidados, muita risada. Mas em meio à essa festa toda, há dados, especialistas, personagens e informação, características do jornalismo.

Encontro com Fátima Bernardes

Depois de 13 anos apresentando o *Jornal Nacional* e mais de 23 trabalhando como jornalista na Rede Globo, era de se esperar que Fátima Bernardes saísse do jornalismo, mas o jornalismo não saísse dela. Em 2012 a jornalista começou a apresentar o *Encontro com Fátima Bernardes*, ainda carregando um pouco da seriedade que precisava passar na bancada do jornal mais assistido do Brasil.

Com o passar do tempo, a apresentadora mostrou que estava realmente disposta a se entregar ao mundo do entretenimento. Fátima dançou funk, cantou e interpretou “segura o tchan”, fez a “dança da cordinha” e aceitou um desafio de pole dance, só para

citar algumas das peripécias descritas por Kugelmeier (2015)⁵. Nada disso, entretanto, feriu a sua credibilidade.

O *Encontro com Fátima Bernardes* tem música, convidados globais, assuntos coloquiais, mas também discute coisa séria. O programa já emplacou diversas vezes debates sobre bullying, violência contra a mulher, mercado de trabalho para as mulheres, racismo, transexualidade e tantos outros temas relacionados às minorias políticas.

Muitas vezes o programa pega ganchos de situações que estão acontecendo nas novelas da Rede Globo para trazer o debate para o público, como foi o caso da discussão sobre os processos de transição de gênero, impulsionados pela novela *A Força do Querer*⁶.

O *Encontro* pode ser considerado o principal exemplo de infotimento na Rede Globo atualmente.

ENTRETER E INFORMAR

O infotimento é tradicionalmente utilizado para se referir às produções de notícias *light*, na lógica de produção jornalística. Por exemplo, matérias sobre comportamento, moda e viagens, que estão dentro de um programa jornalístico, mas com uma roupagem mais descontraída, dando ao telespectador a ideia de estar se divertindo em vez de estar recebendo informações a todo tempo.

Neste sentido, o termo infotimento existe justamente para categorizar programas que estão nos dois lugares, na informação e no entretenimento. Acontece que os estudos sobre o infotimento partindo de uma visão conservadora do jornalismo, acabaram dando ao termo uma carga pejorativa, fazendo parecer que o fato de o programa buscar entreter a audiência de alguma forma é fugir do “jornalismo de verdade”, que exigiria isenção, objetividade e neutralidade.

Por outro lado, apesar de as próprias emissoras forçarem uma visível separação entre a programação para informar (jornalismo) e a para entreter (entretenimento), na prática essa separação não é e nunca foi tão clara assim.

⁵ Informações retiradas do TCC de Gabriela Kugelmeier, intitulado “Fátima Bernardes: Encontro entre jornalismo e entretenimento nas manhãs da Rede Globo”, para graduação em Comunicação Social – Jornalismo. Trabalho apresentado em 2015 na Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc.

⁶ Na novela o personagem Ivan realiza a transição de gênero feminino para masculino, passa pelo processo de hormonização e faz uma cirurgia de mastectomia.

Tradicionalmente, sempre coube ao jornalismo o papel de informar e formar a opinião pública sobre o que acontece no mundo real, com base na verdade, nas coisas que acontecem no mundo externo, no campo social. O entretenimento, entretanto, destinou-se a explorar a ficção, chamar a atenção e divertir as pessoas. (DEJAVITE, 2007)

O termo “jornalismo” é utilizado para evocar credibilidade a todo momento, ele está sempre complementado com as palavras “sério” ou “de confiança”. Mas quem foi que definiu que o que se entende por entretenimento está no extremo oposto e — devido a isso — não merece crédito?

Dejavite (2007), define o jornalismo de infotimento como um “espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano”. Nesse caso, ainda se faz um juízo de valor de temáticas que devem ser levadas à sério e as que não necessitam desta seriedade, diferente do que vemos nos programas “essencialmente” de entretenimento.

O que ainda não está em pauta para os profissionais e para os estudiosos do jornalismo é como as ferramentas e a roupagem do entretenimento poderiam ser utilizadas pelo jornalismo para tratar de qualquer tema, como fazem os programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Amor & Sexo*, garantindo informação, descontração, seriedade e audiência. Ou ainda, perceber que há jornalismo nestes programas que são tão rejeitados pelos jornalistas e acadêmicos, mesmo os programas sendo apresentados por jornalistas de formação.⁷

GÊNERO E SEXUALIDADE: SE NÃO NO ENTRETENIMENTO, ONDE?

Partindo da ideia de Dejavite (2007), é possível perceber que quando se trata das questões de gênero e sexualidade, o entretenimento e o jornalismo fazem uma troca de papel no que se refere à profundidade do que comunicam.

O conteúdo sério seria aquela matéria que aprofunda, investiga, critica e transmite informações novas, tendo por finalidade o ponto de reflexão. O segundo (o não sério) seria aquele que somente diverte, tem humor, atrai o receptor por trazer assuntos mais amenos, light, o que, para muitos, não traz nada de novo, apenas algo velho, com outra roupagem, que ajuda promover ideologias, como a do consumo e a do mercado. (DEJAVITE, 2007).

⁷ Além de Fátima Bernardes, Fernanda Lima também é jornalista de formação. Assim como Pedro Bial, Patrícia Poeta, Ana Paula Padrão e outras jornalistas que migraram do jornalismo para o entretenimento, muito provavelmente em busca de mais liberdade para trabalhar.

A análise das configurações discursivas dos episódios do programa *Amor & Sexo*, apresentado na Rede Globo por Fernanda Lima em 2017, apontam uma crescente busca pela informação e até mesmo educação dos telespectadores, ao contrário do que fariam os programas menos sérios, conforme Dejavite (2007).

Enquanto o *Amor & Sexo* começava a assumir um discurso mais alinhado aos direitos humanos, o *Profissão Repórter* - exibido em 18/11/2014 – tratou da transexualidade e cometeu uma imensidade de deslizes, especialmente no tratamento com as pessoas trans entrevistadas.

Termos como “mudança de sexo”, “O travesti” - que na verdade é um termo estritamente feminino -, as trocas de pronome, sem falar na exposição e na insistência por saber o nome de registro das entrevistadas, que é uma questão bastante desconfortável para boa parte das pessoas trans.

Por se tratar de uma produção que mostra “os bastidores da notícia” - como assinala o próprio slogan do programa, o *Profissão Repórter* teve uma grande repercussão negativa depois de exibir na edição o evidente desconforto das pessoas convidadas a falar.

Se pensarmos em termos práticos, o *Profissão Repórter* é um programa semanal, com um tempo razoável de preparação para a reportagem e ainda assim comete erros grosseiros ao tratar da comunidade LGBTQI.

No início do mês de março, o Supremo Tribunal Federal aprovou uma lei que permite às pessoas transgêneras mudarem o nome dos documentos sem a necessidade de realizar a cirurgia de redesignação sexual. Essa notícia foi levada ao ar de maneiras bastante diferentes pelo *Jornal Nacional* e pelo *Encontro*.

O *Encontro*⁸ iniciou a discussão com uma reportagem feita com um homem trans. A repórter visitou a casa dele e o acompanhou até o cartório para realizar a troca dos documentos. Após a reportagem, os convidados conversam sobre a questão do respeito aos transgêneros, recebendo também uma professora transexual do Rio de Janeiro para dar um depoimento. Toda a discussão leva 08:04 minutos.

⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6600013/>

Em contrapartida, a reportagem do JN⁹ sobre a mesma temática mostra apenas imagens dos ministros votando a pauta, *offs* do repórter e uma passagem, onde ele fala o que exatamente foi votado. A matéria tem 04:39 minutos.

PONTOS COMUNS

Existem algumas práticas conhecidas do jornalismo que foram absorvidas pelo *Amor & Sexo* e principalmente pelo *Encontro* que os fazem se enquadrar no que chama-se de infotimento, já que são programas – sem nenhuma dúvida – de entretenimento, mas não são só isso. Além de serem apresentados por jornalistas, os programas contam com:

Apuração

Nenhum programa vai ao ar, seja no âmbito do jornalismo ou do entretenimento sem uma apuração prévia. No jornalismo, a apuração conduz a uma reportagem bem elaborada, no entretenimento, leva à confecção de um roteiro bem estruturado e à escolha de bons convidados.

Especialistas

Os especialistas convidados para os programas fazem o mesmo papel que as fontes no jornalismo tradicional. Por meio de entrevista ali, cara a cara, as apresentadoras retiram destes especialistas informações que são relevantes para o debate.

O jornalismo como se conhece hoje é um fenômeno do século XIX e uma invenção anglo-americana, por ser informativa e não publicista, ou seja, a notícia centrada no fato, a busca da verdade, a independência, a objetividade e a prestação de serviço público. (SCHMITZ, 2011)

Neste sentido, as fontes são de extrema importância para a construção da narrativa, especialmente as que tem mais conhecimento sobre o assunto e por isso presume-se que estão mais próximas da verdade.

Personagens

No jornalismo fala-se que as personagens humanizam a matéria. Essa pode ser considerada a mesma função das personagens nos programas de infotimento. Elas estão ali para ilustrar a discussão que o programa pretende fazer, contando a própria história e, muitas vezes, criando uma rápida ligação com o público que ali se vê representado.

Dados

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/03/transexuais-podem-mudar-de-nome-sem-fazer-cirurgia-decide-supremo.html>

O desdém pela proposta do infotainment vem muito da ideia de que o entretenimento não traz nada novo. Essa preocupação com a informação deveria estar muito mais relacionada à seriedade com que é feita a produção dos programas do que com o seu formato de apresentação em si.

Os dados divulgados por institutos de pesquisa são a principal fonte de informação de diversas pautas do jornalismo todos os dias, mas estes mesmos dados podem ser usados e interpretados pela produção de programas de entretenimento. Por exemplo, no quinto episódio da temporada de 2016 do Amor & Sexo, Fernanda Lima encerra o programa lendo diversos dados, como: “mulheres recebem 68% da renda dos homens, mesmo com nível de escolaridade superior”, “a violência mata um adolescente por hora no país”, “abortos clandestinos vitimam 800 mulheres por dia no planeta”, “um homossexual sofre violência a cada hora no Brasil”, “no sudeste, 50% da população não usa camisinha”, “uma pessoa é estuprada no país a cada 11 minutos”, “IBGE constata que mulheres sofrem violência e abuso principalmente de conhecidos”, “Segundo relatório da ONU, a Aids é hoje uma das maiores causas de morte entre 10 e 19 anos”, “abuso sexual atinge uma em cada 10 meninas no mundo”, “O Brasil ocupa a sétima colocação como país violento do mundo em mortalidade infantil”, e encerra dizendo que os dados são importantes para gerar empatia e servem como instrumento para criação de leis.

Esta pode ser a mais emblemática utilização de dados no programa, mas não é a única. Nas temporadas de 2016 e 2017 as violências foram expostas através dos dados diversas vezes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo está passando por uma severa crise nos últimos anos. Para dribla-la os telejornais já colocaram os âncoras para apresentarem o programa de pé, interagindo com os telões; já assumiram campanhas inteiras como “o Brasil que eu quero para o futuro” da Rede Globo, mas ainda não estão absorvendo algumas pautas importantes para a sociedade como as citadas nesse artigo.

As questões de gênero e sexualidade raramente entram em pauta, mas quando entram, acabam sendo tratadas de forma pouco responsável ou pincelando assuntos que precisariam ser explicados com mais afinco.

Recentemente, no dia 3 de abril de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral passou a permitir que as pessoas transgêneras utilizem o nome social no título de eleitor. Essa é uma medida muito importante para fazer com que as pessoas trans passem a votar, já que o desconforto de precisar ir a uma zona eleitoral e mostrar um título que contém um nome que não condiz com a aparência física fazia com que muitas não exercessem esse direito.

Essa notícia foi dada em nota por muitos jornais, alguns, como o Jornal Nacional, fez uma breve matéria de 1:49 minuto¹⁰. Nenhuma pessoa transgênera aparece na reportagem, também não há nenhuma explicação sobre o que é ser transgênero, sem contar que a repórter se refere à cirurgia de redesignação sexual como “mudança de sexo”, mesmo sendo um termo fora de uso tanto para a comunidade LGBTQI quanto para a medicina.

Dado este exemplo, permanece a questão: é este mesmo o papel do jornalismo? Já não é hora de repensar o tratamento a estas questões? Ou ainda, em que momento o entretenimento passou a ser mais humano que a profissão responsável pela manutenção de democracias inteiras?

REFERÊNCIAS

BARROS at al. A sexualidade em Amor & Sexo: representação, discurso e regime de verdade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.3, n.2, (2011). Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/616>> Acessado em: 19/04/2017.

BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009. pp. 239.

DEJAVITE, F. A. **A Notícia light e o jornalismo de infotainment**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007, Santos, SP. Anais (on-line). Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1472-1.pdf>>. Acessado em 04/05/2018.

SILVA, L. M. Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007: pp. 84-104.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo Florianópolis: Combook, 2011. pp. 86.

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/transexuais-ou-travestis-podem-ter-nome-social-no-titulo-de-eleitor.html>